

O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento (V.N. de Foz Côa, Nordeste de Portugal). Estudo comparativo de um conjunto particular de elementos arquitectónicos.

ANA MARGARIDA VALE

Aluna de Doutoramento em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigadora Júnior do CEAUCP/CAM.

RESUMO

Neste texto pretendemos apresentar uma breve apresentação do sítio arqueológico de Castanheiro do Vento (V.N. de Foz Côa, Nordeste de Portugal), datado do III^o/ 1^a metade do II^o milénios a.C. Propomos também o estudo de quatro unidades arquitectónicas tipo -bastião- a fim de problematizar semelhanças/particularidades identificadas durante a escavação arqueológica e posterior tratamento da informação em gabinete, questionando a sua relação com práticas semelhantes e/ou distintas. Este estudo baseia-se numa análise do detalhe e enfatiza a importância do discurso descritivo em Arqueologia.

Palavras-chave

Castanheiro do Vento, Pré-história Recente, materiais, escala.

ABSTRACT

In this paper we aim a brief description of the archaeological site of Castanheiro do Vento (V.N. de Foz Côa, northeast of Portugal), dated from the 3rd/1st half of the 2nd millennia BC. We also propose the study of four architectonic devices in order to problematise similar/particular features identified during field work and post excavation analysis, questioning its relationship with similar/different practices. This study is based on an analysis of the detail and emphasizes the importance of descriptive discourse in archeology.

Keywords

Castanheiro do Vento, Late Prehistory, materials, scale.

“Writing the past is an endless task, but one in which each act of putting pen to paper is recognized as a failure to fully articulate difference” (Thomas 1999:6).

“É verdade, os livros ainda não estão nas prateleiras, não os envolve ainda o tédio silencioso da ordem. () Peço-vos apenas que me acompanhem nesta desordem de caixotes abertos.” (Benjamin 2004:207)

O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento localiza-se na freguesia de Horta do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, Nordeste de Portugal (fig. 1). As datas de radiocarbono permitem enquadrar o sítio entre 2875 e 1519 cal BC, intervalo em que recaem 81,5% do conjunto das datas disponíveis (CARDOSO, 2007: 103). As escavações arqueológicas desenvolvem-se desde 1998 sob direcção de Vítor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso, Leonor Sousa Pereira, Ana Vale, Gonçalo Leite Velho, Bárbara Carvalho e Sérgio Gomes. Diversos trabalhos têm sido publicados e assinados, quer pela equipa responsável, quer a título individual, [destacase nomeadamente uma tese de doutoramento (CARDOSO, 2007)]. Não é no entanto objectivo deste texto uma sistematização das publicações acerca de Castanheiro do Vento, pelo que remetemos para a leitura de trabalhos essenciais para a discussão do sítio como JORGE, V. O. *et alii*, 2006 e JORGE, V. O. *et alii*, 2006-2007. Neste artigo procuraremos apenas fazer uma breve introdução ao sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento para, de seguida, se tentar tecer uma análise comparativa entre quatro unidades arquitectónicas.

As 12 campanhas arqueológicas empreendidas no sítio permitiram a identificação de um

recinto (fig. 2) delimitado por três linhas de murete tendencialmente concêntricas, interceptadas por unidades subcirculares -designadas por “bastiões”¹- e cortadas por passagens ou entradas. Estas estruturas (muretes e bastiões) encontram-se reforçadas no seu lado externo por sistemas de contrafortagem - dispositivos elaborados com recurso a lajes de xisto dispostas de forma paralela e perpendicular entre si de modo a criar um jogo de forças. No Recinto Principal e nas áreas entre os muretes foram detectadas estruturas circulares [cuja área interna nunca excede os 9m² (CARDOSO, 2007: 211-216)] e grandes estruturas circulares (definidas na sua totalidade ou apenas sugeridas por semicírculos). Há ainda a registar pequenas estruturas ou micro-estruturas de tendência circular e elaboradas essencialmente com elementos de moinhos manuais em granito. Adossado ao Murete 1 detectou-se o que chamamos “Recinto Anexo”, delimitado por um murete interceptado por dois “bastiões” e por duas “passagens”. O sítio é ladeado a norte e a oeste (áreas onde o terreno apresenta um declive mais acentuado) por um dispositivo de tipo talude, definido por alinhamentos constituídos por lajes de xisto colocadas de forma perpendicular e paralela entre si no sentido de contrariar a pendente do terreno.

As estruturas aqui enumeradas apresentam-se como “um autêntico “bordado de pedra”. Este “bordado”, que podia ter uma espécie de organização por módulos, desenhava no solo, ao nível da planta, a estrutura a três dimensões que se ia erguer” (JORGE, V. O., 2009). Os embasamentos a que V. O. Jorge se refere eram sobretudo moldados com recurso a lajes de xisto, com inclusões de quartzo e granito [ver trabalho de Cardoso (2007) acerca das técnicas e materiais construtivos em Castanheiro do Vento] e as paredes erguer-se-iam em terra crua utilizando, ao que tudo indica, diferentes técnicas e modos de fazer. Na verdade, se atendermos à diversidade de “tipos” de embasamentos pétreos, as paredes dos mu-

1 Ao longo deste texto a palavra “bastião” é utilizada para designar estruturas subcirculares. A escolha deste termo não reflecte uma interpretação de cariz militarista para este tipo de estruturas, apenas se referindo à morfo. A equipa de Castanheiro do Vento tem mantido a designação “bastião” ao longo das publicações por pensar que esta facilita a comunicação no seio da comunidade arqueológica.

retes que definem o Recinto Principal (longas troços de tendência curvilínea e outros quase rectos) deveriam ser de grande espessura e dimensões, enquanto as estruturas circulares deveriam erguer-se em altura com recurso a um entrelaçado de ramos revestido com terra crua.

O retrato do sítio de Castanheiro do Vento que começamos por desenhar, recorrendo apenas à enumeração, apresenta-se como uma complexa teia de relações impossíveis de fasear num tempo sequencial e cronológico. O sítio está em permanente construção e reconstrução; foi (e é) permanentemente ocupado e habitado². Neste sentido, a sua integração em fases de construção e ocupação é impossível. As alterações estruturais registadas processaram-se a partir do nível basal (como é o caso do Bastião B), não se tendo detectado, até ao momento, nenhuma sobreposição de unidades arquitectónicas. Isto indica-nos que, mesmo que a construção não se efectue simultaneamente, as estruturas se encontram como que encadeadas numa rede; deste modo, a contínua construção no sítio vai progressivamente alterando os espaços de circulação e, conseqüentemente, os movimentos e práticas que aqui se deram. Devido a esta contínua (re) construção de estruturas, que são permanentemente integradas no todo que é o sítio em si, é impossível continuarmos a defender a possibilidade de inferir uma periodização linear num tempo cronológico para sítios como Castanheiro do Vento ou Castelo Velho de Freixo de Numão (que dista 11 km de Castanheiro do Vento em linha recta). Os elementos arquitectónicos registados no sítio em estudo são estudados enquanto nódulos em que se relacionam componentes construídos e a tradicionalmente chamada “cultura material”. É precisamente sobre esta relação que assenta o conceito de arquitectura sobre o qual trabalhamos. Foram, por exemplo, detectados fragmentos cerâmicos talhados junto a muretes como se de cunhas se tratassem (CARDOSO, 2007: 248) e algumas deposições de materiais revelam a articulação entre todos estes elementos na feitura de espaços, na sua transformação, na criação e recriação de movimentos e percursos.

2 Esta ideia tem sido mencionada em diversas publicações acerca de Castanheiro do Vento.

Este ponto permite-nos mais uma vez relacionar a investigação levada a cabo no sítio de Castanheiro do Vento com a que tem sido desenvolvida no sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (JORGE, S. O., 2005³). Neste último sítio arqueológico foram identificadas deposições intencionais de diversos materiais (por exemplo de sementes e fragmentos cerâmicos) que têm sido olhadas como fazedoras de espaços, de práticas e movimentos que se tentam questionar; e as estruturas que (também) as conformam têm sido interpretadas não apenas como contentores desses mesmos materiais, como elementos passivos que apenas servem de palco para que ocorra no seu interior um conjunto de actividades, mas enquanto elementos activos dessas mesmas práticas. Esta linha de pesquisa distancia a interpretação destes sítios enquanto “povoados fortificados”. A tradicional abordagem destes sítios como “povoados fortificados” parece favorecer explicações precisas e situadas no tempo, na medida em que se baseia em fases de construção e de ocupação e tem como principal preocupação explicar a função das estruturas detectadas, semelhantes em todos os ditos “povoados fortificados”. O ponto de partida para a formulação de outras formas de pensar estes sítios tem sido identificado com o texto de S. O. Jorge de 1994 (JORGE, S. O., 2005). No entanto, esta procura de outras formas de pensar estes sítios é um trabalho contínuo, na medida em que não se procura formular explicações outras mas a promoção de um pensamento crítico em relação à Arqueologia.

Neste sentido, a própria nomenclatura destes sítios foi alterada, na medida em que esta diz já das diferentes posições teóricas. Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento têm vindo a ser entendidos enquanto “colinas monumentalizadas”. Esta expressão pretende sublinhar a importância de estudar o sítio não apenas ao nível das cotas mais elevadas onde decorrem os trabalhos arqueológicos, mas “integrá-lo” na colina. Para definir esta expressão, pedimos emprestadas as palavras de V. O. Jorge, quando diz “Colina monumentalizada - micro-mundo (cosmos,

3 Remeteremos ao longo do texto sempre para a compilação de textos de Susana Oliveira Jorge publicados em 2005, pois muitas das ideias veiculadas pela autora estão presentes em diversos textos reunidos nesta publicação.

realidade organizada segundo certos padrões gerados e alterados pela própria acção) construído como uma metonímia e, ao mesmo tempo, metáfora do primeiro, mas sob uma forma “controlada” pelos seres humanos, e portanto correspondendo a uma concentração enorme de sentidos, de energia, de transformações (transmutações) de elementos do primeiro em elementos do segundo. É a este nível que podemos dizer que estamos perante um “espaço de transformações” em que a(s) comunidade(s) manipulava(m) uma série de elementos provenientes do local e de fora do local, por forma a integrá-los num todo novo e ordenado.” (JORGE, V. O. *et alii*, 2006-2007: 257). Neste sentido, diversos trabalhos têm sido desenvolvidos que partem da premissa que Castanheiro do Vento corresponde a toda a colina (como a investigação levada a cabo por J. Cardoso (2007) acerca da região, ou, por exemplo, estudos de visibilidade de e para o sítio (JORGE, V. O. *et alii*, 2006; JORGE, V. O. *et alii*, 2006-2007; VALE, 2008).

No sentido de objectivar o discurso, propomos em seguida uma abordagem comparativa de quatro estruturas “tipo bastião” do sítio de Castanheiro do Vento. Este trabalho não pretende apresentar resultados “definitivos”; antes pelo contrário, esperamos que promova o questionamento de outras relações e de outras reflexões acerca do sítio. Antes de avançar para o estudo deste conjunto particular de elementos arquitectónicos, devemos referir que este trabalho resulta não só da nossa própria experiência no sítio mas sobretudo de um trabalho de equipa onde, num jogo constante de tensões, múltiplas perspectivas são lançadas à discussão.

Análise Comparativa de quatro estruturas tipo “Bastião” de Castanheiro do Vento

A análise que nos propomos realizar no âmbito deste artigo integra quatro unidades arquitectónicas tradicionalmente apelidadas de “bastiões”, todas localizadas na primeira linha de murete (M1). Estas estruturas foram alvo de estudos individuais (VALE, 2003; BORGES, 2003; BARBOSA, 2003 e GASPAR, 2004) e equacionados num trabalho de investigação à escala do sítio (CARDOSO, 2007). Contudo, parece-nos relevante neste momento da investigação em Castanheiro do Vento lançar

um olhar de conjunto sobre estas estruturas. O principal objectivo deste trabalho prende-se com a análise integrada dos sistemas construídos e do conjunto de materiais que foram exumados durante a escavação de cada estrutura. Cada unidade é encarada não como contentor de materiais ou apenas como palco de diversas actividades, mas enquanto possibilidade de questionar práticas de construção e de vivências destas mesmas estruturas. Parece-nos que a divisão entre arquitectura e a designada “cultura material” se arrisca a perder tempos de duração e interrompe a relação existente entre os materiais arqueológicos - como fragmentos cerâmicos e peças líticas - e as lajes de xisto que definem hoje as infra-estruturas destas estruturas. Partimos também da premissa que estas relações são estabelecidas no presente pela equipa de arqueólogos que escava no sítio. Assim, para iniciar este ponto começamos por falar acerca da história da investigação de cada unidade que nos propomos aqui estudar.

O “Bastião” A (fig. 4) foi escavado em 1999 e 2000 e o seu estudo foi apresentado numa tese de Mestrado (VALE, 2003). Neste trabalho foram analisados quatro momentos estratigráficos individualizados e registados durante a sua escavação. Seguindo a cronologia do processo de escavação, foram identificados dois níveis pétreos de fecho da estrutura (de colmatação). O primeiro nível era caracterizado por um conjunto de lajes de xisto azul (matéria-prima não local) dispostas de forma tendencialmente circular. Após o desmonte deste nível pétreo foram recolhidos fragmentos cerâmicos, concentrados maioritariamente na área sul do interior da estrutura, os quais, posteriormente se verificou, colavam com fragmentos cerâmicos que se encontravam no seio de outros conjuntos, nomeadamente os identificados na parte oriental do espaço interno do “bastião”. O segundo momento pétreo era composto por lajes e blocos de xisto local, e a sua disposição formava um denso nível pétreo. O terceiro momento a ser identificado era definido por um depósito caracterizado por um sedimento argiloso (camada 3) conectado com um pequena estrutura delineada por elementos de dormentes de moinhos manuais em granito e uma laje de xisto. Neste nível, as colagens obtidas resultaram de fragmentos cerâmicos da mesma concentração e os materiais coordena-

dos registam-se apenas no lado oriental do interior da estrutura. Por fim foi escavado um nível de sedimento argiloso compacto de nivelamento do solo para assentamento da estrutura. O “Bastião” A possui um vão de passagem estreito que dá acesso a uma área interna de 6,38 m² (CARDOSO, 2007: 269). Na esteira das linhas interpretativas sugeridas por S. O. Jorge (2005) para alguns contextos do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão, a interpretação avançada por A. Vale (2003) propunha uma fragmentação intencional dos fragmentos cerâmicos, manipulados num contexto social complexo. Mais tarde, J. Cardoso através da análise das datas de ¹⁴C, sugere que o interior do “Bastião” A foi um “espaço utilizado e reutilizado constantemente e um espaço ordenado e reordenado frequentemente.” (CARDOSO, 2007: 272), ainda que não descarte por completo a ideia de deposição intencional ou fractura intencional de vasos cerâmicos, práticas sugeridas por outras interpretações efectuadas em diferentes contextos arqueológicos e etnográficos (*idem*: 273-274). Este ponto será desenvolvido mais à frente neste texto, discutindo-se aí a ideia de deposição no contexto do conjunto de unidades que pretendemos aqui discutir.

O “Bastião” B (fig. 5) foi escavado em 2000 e 2001 e o seu estudo apresentado em 2003 (BORGES, 2003). A forma oval resulta de uma reestruturação desta unidade até à linha basal. “A parede Norte parece ter sido reconfigurada e espessada, desde a base, e a parede Sul foi estreitada, detectando-se uma pequena passagem, muito destruída por uma provável estrutura de combustão datada de meados do 1º milénio Cal B. C.” (CARDOSO, 2007: 274). O estreito vão de passagem dá acesso a uma área de 6,09m² (*idem, ibidem*). A sua escavação permitiu, tal como no Bastião A, detectar um nível de colmatação ao qual se encontrava associado um conjunto de lajes de xisto afeiçoadas (tipo “estela”) dispostas na vertical (tendo em consideração o seu eixo maior) e viradas a leste. Após o desmonte deste nível pétreo foi detectado um depósito de sedimento argiloso de cor amarela (camada 3), com fragmentos cerâmicos, peças líticas e barro de revestimento. A linha basal assentava num depósito de matriz argilosa, também de cor amarela, muito compacto. Neste nível foi

identificado um buraco de poste e uma possível fossa que perfuravam o substrato rochoso. Cardoso, analisando a datas de 14C disponíveis para esta estrutura propõe que o espaço tenha sido “sistematicamente “limpo”, utilizado e reutilizado” (2007: 277).

O “Bastião” C (fig. 6) foi escavado durante as campanhas de escavação de 2001 e 2002. A escavação desta estrutura não atingiu o substrato geológico. No entanto, a estrutura foi escavada até ao seu nível basal, tendo os resultados da análise de materiais sido apresentados em 2003 (BARBOSA, 2003). Como já foi descrito nas estruturas tipo “bastião” anteriores, também esta unidade se encontrava colmatada por um nível de lajes de xisto associadas, muito provavelmente, a uma estrutura subtriangular e a uma laje de xisto afeiçoada (tipo “estrela”) colocada em posição vertical. O desmonte do nível de oclusão permitiu escavar um depósito argiloso de cor amarela com abundantes fragmentos cerâmicos e peças líticas (camada 3). Foram ainda detectados três depósitos estratigraficamente anteriores à estrutura em si. Ao contrário das outras duas unidades atrás mencionadas, o “Bastião” D não apresenta um vão de entrada definido, caracterizando-se por uma forma subcircular.

O “Bastião” D (fig. 7) foi escavado em 2002 e 2003, e o seu estudo apresentado em 2004 (GASPAR, 2004). À semelhança do anterior, possui uma forma subcircular e encontrava-se colmatada por um nível de lajes de xistos dispostas obliquamente. Contudo, esta estrutura de oclusão não ocupava toda a área interna do “bastião” tal como foi verificado nas outras unidades. Após a remoção deste nível foi detectado um depósito caracterizado por sedimentos de matriz argilosa de cor amarela (camada 3), ao qual se conectam estruturas de pequena dimensão: uma estrutura subcircular delimitada exclusivamente por cinco elementos de dormente em granito (imediatamente ao lado encontravam-se sobrepostos dois elementos de dormente em granito de grandes dimensões), uma bolsa de terra escura assente numa laje de xisto -interpretada como uma lareira- e dois pequenos arcos definidos por pequenas lajes e blocos de xisto. No interior do murete que conforma o arco de círculo que caracteriza a estrutura foram identificados restos faunísticos associados a um fragmento de cerâmica e

um fragmento de granito. Segundo C. Gaspar não foram registadas concentrações de materiais (GASPAR, 2004:58). Contudo, avança a possibilidade de que poderemos estar face um contexto onde se regista uma fragmentação intencional de recipientes cerâmicos e a sua manipulação social, práticas não detectadas ao nível das concentrações cerâmicas, mas ao nível de uma possível “selecção” dos materiais (*idem*: 62). Sugere ainda a leitura da estrutura de condenação como deposição (*idem*, 64), facto que também é assinalado ao longo do trabalho de J. Cardoso (2007) referindo-se por exemplo a estruturas de condenação ou a marcadores espaciais.

Uma primeira tentativa de lançar um olhar de conjunto sobre estas estruturas recai forçosamente na sua “forma arquitectónica”: estruturas subcirculares, interpretadas na literatura arqueológica como “bastiões”. A uma escala de análise ampla -ou seja, referente ao sítio arqueológico- J. Cardoso sublinha que “Uma primeira constatação relaciona-se com a existência de um ritmo “padronizado” nos elementos constituintes da planta geral; segmentos de murete, estruturas subcirculares, passagens, estruturas circulares, englobados numa ideia de linhas curvilíneas.” (2007: 106). Seguindo o autor, a existência de um “ritmo padronizado” não escamoteia a grande diversidade construtiva detectada na análise a escalas mais pequenas, tanto ao nível de técnicas de fazer como de materiais empregues (e conjugação dos mesmos). Na mesma linha pensamos que a uma ampla escala de análise os “bastiões” em estudo poderão ser agrupados enquanto estruturas semelhantes. Contudo, poderão indiciar práticas e movimentos diferenciados, apesar de estarem interconectados como pontos nos circuitos que o sítio de Castanheiro do Vento promovia.

Ao reduzir a escala focamos os materiais recolhidos (aqui tomaremos apenas em conta os identificados na chamada camada 3 -ou seja, num depósito caracterizado por sedimentos de matriz argilosa). O número total de fragmentos cerâmicos é surpreendentemente semelhante nas quatro estruturas. “Bastião” A: 1536; “Bastião” B: 1112; “Bastião” C: 1093 e “Bastião” D: 1229. Os fragmentos cerâmicos são na sua maioria provenientes do bojo da peça (a percentagem relativa à presença de

bordos situa-se entre os 4,2% e os 8,5%). A comparação percentual entre fragmentos lisos e decorados também não apresenta diferenças significativas entre as quatro estruturas (Gráfico 1).

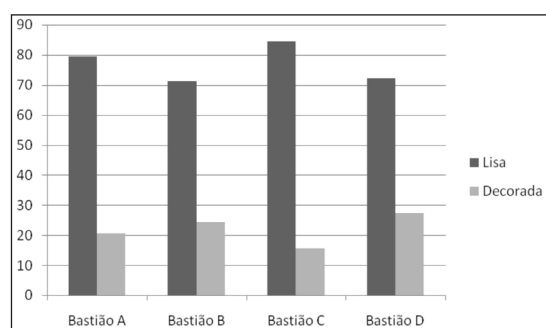


Gráfico 1: Relação de fragmentos cerâmicos lisos/decorados nas quatro estruturas em números percentuais.

A decoração é predominantemente conseguida através da técnica de impressão penteada (do total de fragmentos cerâmicos decorados, 93,2% têm presente a técnica de impressão penteada no “Bastião” A, 91,2% no “Bastião” C e 89% no “Bastião” D). (Gráfico 2)

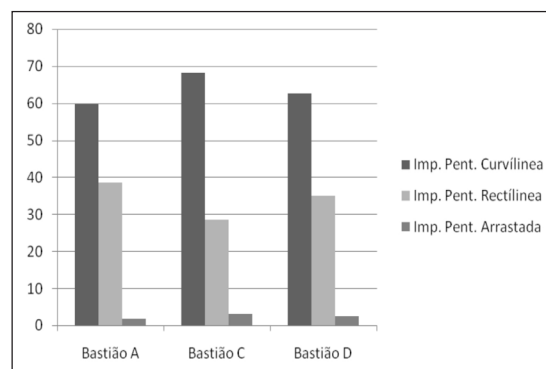


Gráfico 2: Relação de fragmentos cerâmicos decorados com a técnica de impressão penteada em três das estruturas

Em relação à utensilagem lítica, a escavação de todas as unidades mostra a presença de percutores em quartzo, elementos de moinho em granito (dormentes e moventes) e peças talhadas em quartzo. Os únicos utensílios detectados são uma lamela (“Bastião” B) e oito raspadeiras (3 no “Bastião” A, 2 no “Bastião” B, 1 no “Bastião” C e 2 no “Bastião” D). É de referir que não foram encontradas pontas de seta ou qualquer objecto em metal. O estudo dos fragmentos ósseos (COSTA, 2007) revelou a grande fragmentação dos mesmos (o que dificulta a identificação de espécies e, por

isso mesmo, poucos exemplares permitiram a identificação taxonómica) e detectou que a grande maioria se encontrava calcinada.

Esta primeira abordagem comparativa realça as semelhanças presentes nestes contextos. Os números atrás referidos parecem indicar uma certa homogeneidade e monotonia do ponto de vista dos materiais que compõem e estruturam estas unidades. Contudo, uma análise mais detalhada dos materiais parece indicar certas especificidades. Ao nível da decoração cerâmica apenas o “Bastião” A apresenta decoração com pastilhas repuxadas; a técnica de punção apenas está presente nos “Bastões” A e D; o “Bastião” C é o único contexto que forneceu fragmentos cerâmicos decorados com linhas incisas e o espatulamento surge melhor representado nos “Bastões” A e B. A relação e número de dormentes e moventes varia também de forma considerável em todas as unidades. O “Bastião” A e o D apresentam grande contraste em relação à quantidade de dormentes/ moventes: no “Bastião” A registaram-se 15 dormentes, inteiros ou fragmentados, e apenas 2 moventes; no “Bastião” D identificaram-se 20 dormentes, inteiros ou fragmentados, e apenas 6 moventes. O “Bastião” B e C registam um número inferior de elementos em granito, apresentando o “Bastião” B igual frequência de dormentes e moventes (número de 6) e o “Bastião” C segue a mesma tendência identificada nas unidades A e D, ou seja, o número de elementos de dormente é superior ao de movente, ainda que a sua presença não seja tão acentuada como nas outras duas estruturas (6 dormentes, inteiros ou fragmentados, e 3 moventes). (Gráfico 3)

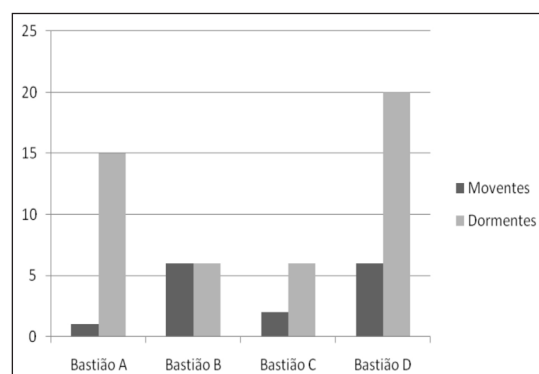


Gráfico 3: Relação entre elementos de moinhos manuais em granito -dormentes e moventes- nas quatro estruturas em números absolutos.

Também os líticos talhados se distribuem de forma diversa. Por exemplo, o “Bastião” B é a unidade com mais lascas retocadas mas aquela que forneceu menos lascas sem retoque, as quais marcam uma presença efectiva nas restantes unidades. O “Bastião” D destaca-se pela presença elevada de núcleos (de número muito baixo nas restantes unidades). (Gráfico 4)

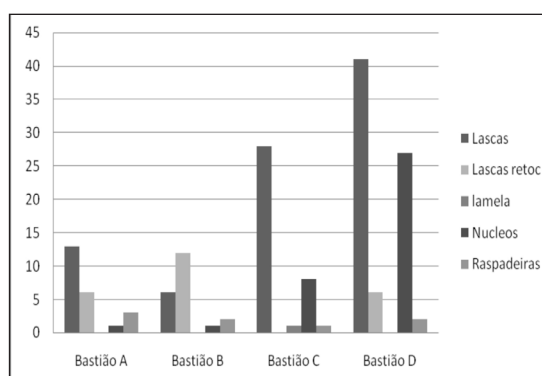


Gráfico 4: Relação entre elementos de pedra lascada nas quatro estruturas em números absolutos.

Do conjunto da utensilagem lítica, os únicos exemplares de pedra polida foram registados no “Bastião” A (uma enxó) e no “Bastião” C (um polidor). Atendendo ainda à presença/ausência de materiais, o “Bastião” B e o C registam respectivamente 1 e 2 contas de colar. O “Bastião” A regista ainda seis pesos de tear, enquanto que, apenas se identificaram fragmentos de pesos de tear nos “Bastões” C e D (dois fragmentos respectivamente). Lançando um outro olhar aos restos faunísticos detectamos espécies específicas em cada bastião assim como as partes anatómicas encontradas parecem também diferir (Quadro 1 e 2). Contudo, não podemos esquecer que “os principais agentes responsáveis pelo padrão de representação anatómica no acervo são os agentes diagenéticos e erosivos em geral.” (COSTA, 2007: 124).

Os últimos dois parágrafos permitem-nos questionar acerca dos parâmetros que usamos para reflectir acerca das unidades que estu-

Estrutura	O. cuniculus	Bos taurus Bos sp.	Equus caballus Equus sp.	Sus sp.	Ovis/ Capra	Cervus elaphus
Bastião A	x			x		
Bastião B					x	
Bastião C		X		x		X
Bastião D	x	X		x	x	

Quadro 1: Distribuição das espécies animais nas 4 estruturas -tipo bastião-. A partir de COSTA, C., 2007: 106.

Estrutura	Crânio e restos dentários	Esqueleto axial	Esqueleto apendicular superior	Esqueleto apendicular inferior	Extremidades dos membros
Bastião A	x				X
Bastião B		X			
Bastião C	x			x	X
Bastião D	x		X	x	X

Quadro 2: Distribuição das partes anatómicas nas 4 estruturas -tipo bastião-. A partir de COSTA, C., 2007: 107.

damos. Se é certo que o primeiro parágrafo nos fala acerca da homogeneidade das “materialidades” em estudo, o segundo denuncia as especificidades detectadas em cada uma destas estruturas. Se o primeiro nos permite analisar o conjunto dos “bastiões” como unidades construídas semelhantes, o segundo põe em causa a elaboração de uma interpretação geral. Neste momento coloca-se um conjunto de questões: Poderão os bastiões ser tratados como um grupo homogéneo? As especificidades registadas poderão estar relacionadas com práticas distintas? Serão estas práticas geradoras de diferentes espaços? Que espaços formam e/ou modificam? Com estas perguntas em mente, começamos por indagar acerca das diversas relações entre materiais a diferentes escalas. O “Bastião” A e o “Bastião” D apresentam um elevado número de dormentes em relação às outras duas estruturas e em relação ao outro elemento que com o primeiro faz conjunto para formar um moinho manual- o movente. Estes elementos de dormentes presentes nas estruturas A e D fazem parte do que foram designadas como microestruturas. Encontram-se na sua maioria numa posição vertical e com a superfície activa voltada para o interior dessas mesmas estruturas. No caso do “Bastião” A, a microestrutura de elementos de granitos localiza-se praticamente encostada à parede no canto sudeste, junto da entrada que dá acesso ao seu interior (fig. 8). Na estrutura D, a microestrutura constituída por dormentes localiza-se genericamente no centro; foram ainda registados junto à estrutura referida dois elementos de dormente em granito de grandes dimensões (fig. 9). No caso do “Bastião” A, a microestrutura foi relacionada com um conjunto de materiais, nomeadamente com fragmentos cerâmicos, uma enxó depositada no centro do “bastião”, quatro pesos de tear, um movente e uma placa de xisto afeiçoada. Estes materiais foram registados sensivelmente à mesma profundidade, e a leitura da dispersão de materiais foi a de deposição intencional (VALE, 2003:143-145). Em relação ao “Bastião” D, a estrutura de moinhos manuais não foi relacionada com nenhum nível de deposição de materiais como fragmentos cerâmicos, mas é sugerido que se interliga com a escolha deliberada de matérias que foram intencionalmente colocados no interior do “bastião”, ainda que a sua

distribuição aparentemente não reflecta uma deposição intencional em locais específicos. No entanto, a estrutura de moinhos está em relação com outras unidades: uma possível lareira e estruturas em arco de difícil interpretação (GASPAR, 2004).

As microestruturas, as estruturas de condenação, os materiais “mais pequenos”, os muros, as passagens -estreitas ou abertas-, as lareiras e ossos de animais, potenciam e invocam movimentos. Impõe-se que se questionem como possíveis limitações ao corpo ou como rasgos na impossível enumeração de movimentos possíveis e plausíveis. Porque uma parede é muito mais que uma barreira física, pode conectar o sítio com a “paisagem” pela existência de uma “abertura”, pode remeter para outros espaços e tempos pela existência de pinturas ou gravuras, pode invocar diferentes estados de espírito e apreensão do espaço pelos jogos de luz. E os limites são muito mais que uma parede. Podem estabelecer-se em linhas não materiais, podem apenas repousar no dito; mas não será apenas por este facto que não são tão presentes, ou tão visíveis, aos olhos de quem partilha essa informação. Contudo, nos “Bastiões” A e D, em determinado momento, os moinhos manuais enformavam/deformavam espaços e condicionavam os passos. A existência destas unidades em granito pressupõe práticas distintas (em algum momento) das que se podem intuir nas outras duas unidades (contudo não se pode excluir que estas possam ter tido também, em determinado momento, estruturas semelhantes. De facto, é bem verdade que o que chegou até nós não é uma fotografia do passado onde apenas faltam os intervenientes). Também podemos chamar a atenção para o caso das aberturas que dão acesso ao interior destas unidades: vão estreito nos “Bastiões” A e B; e vão aberto nas unidades C e D. Que circuitos, que caminhos, que audiências, que gestos podem estes diferentes acessos convocar? Qual a visibilidade do e para o interior de cada unidade? Qual o número hipotético de pessoas que poderia entrar ou “assistir”, “ver” o espaço delimitado pelas paredes do “Bastiões”? Estariam em relação com outras aberturas nas paredes, como janelas? Parece-nos sobretudo um jogo de possíveis movimentos e práticas, um jogo de luz e de visibilidades, um jogo labiríntico de múltiplos percursos e alternativas interpretativas.

Estas microestruturas em granito poderão ser consideradas como deposições de materialidades que condicionam movimentos e geram espaços? Primeiro importa rever o conceito de “deposição”. J. Brück analisando contextos do Bronze Médio e Final do Reino Unido, discute os ciclos de vida das materialidades (casas ou vasos) que são intencionalmente destruídas ou fragmentadas. Estas práticas levam a que estas materialidades se transmutem em marcadores de pontos críticos da vida dos sítios e dos seus ocupantes e em metáforas para compreender a passagem do tempo. A fragmentação intencional seria “an essential element of the ongoing cycle of death and the regeneration of life” (BRÜCK, 2001: 149). J. Pollard sublinhou que “In the case of deposition we are looking at the knowledgeable employment of material culture which drew upon culturally specific understandings of the way world should be” (POLLARD, 2001: 318) e destacou as características presentes nas materialidades usadas nas deposições: cor, textura, forma e composição. Salientou ainda a necessidade de pensar acerca da própria linguagem corporal, os gestos, audiências e intervenientes envolvidos na performance da colocação deliberada de certas materialidades em espaços específicos. Garrow, Beadsmoore & Knight (2005) chamaram a atenção para a importância do estudo de cada peça em si, o que permitiu identificar tratamentos prévios diferenciados dos fragmentos cerâmicos depositados em fossas do Neolítico Antigo de Kilverstone (Reino Unido); e o que conecta cada fragmento, cada fossa e o conjunto destas unidades com outros/diferentes tempos e histórias. McFadyen (em prep.) destaca este último trabalho como o único no panorama do estudo da dita “cultura material” (em contexto inglês) que nos dá uma dimensão temporal das espacialidades estudadas. Partindo da análise de trabalhos de referência ingleses acerca de deposições, a autora refere que falta na maioria destes estudos uma profundidade temporal e denuncia a fragmentação dos estudos em cultura material/estruturas. A. Jones (citado por McFadyen, em prep.), aquando do estudo da cerâmica *Grooved ware* do sítio arqueológico de Barnhouse (localizado nas Órcades), propõe o entendimento dos possíveis momentos de produção, uso e deposição da cerâmica enquanto elementos constituintes das biografias das peças. A relação entre os

diferentes dispositivos arquitectónicos é dado no trabalho de Jones pela história de vida/biografia dos elementos cerâmicos. McFadyen (em prep.) apresenta uma análise crítica a esta abordagem, referindo que o estudo das biografias dos materiais concede fixidez ao discurso. Sublinha ainda que Jones ao propor a morte de um vaso no momento em que se quebra (os fragmentos cerâmicos simbolizam o fim da vida do vaso) deixa de lado a “vida” do fragmento cerâmico (materialidade primeira com a qual o arqueólogo lida). O conceito de biografia acarreta também outros problemas, como o de inserir um vaso num tempo sequencial, propondo passagens por fases obrigatórias na “vida” dos objectos como organismos vivos. Corre-se o risco de ao criticar o tempo cronológico em Arqueologia se cair num novo modelo de tempo sequencial e linear. Parece ser uma proposta de imagens fixas. Fixa o objecto. Indexa o objecto a uma história, à sua suposta biografia.

Tendo em consideração estes autores, entendemos por deposição a colocação deliberada de certas materialidades em locais específicos. Contudo, realçamos que cada unidade deve ser estudada na sua especificidade, na sua relação com o conjunto das outras unidades presentes. Também não cremos que a palavra deposição esteja ligada apenas a “contextos especiais” e a objectos especiais ou apenas a um conjunto específico de materiais. Neste sentido, as estruturas de elementos de dormentes em granito podem ser consideradas enquanto deposições, que criam espaços e condicionam os movimentos. Cremos que com este exemplo é possível, à escala do sítio de Castanheiro do Vento, propor as estruturas enquanto deposições e, nesse sentido, quebrar a barreira que parece existir entre deposições e elementos construídos. Na verdade, esta dicotomia manter-se-á enquanto, como até aqui tem sido sugerido, os elementos construídos forem vistos como meros contenedores de deposições de outras materialidades. Esta abordagem permite equacionar as relações entre diferentes “estruturas” (ou diferentes estruturações de materiais) e tenta invocar num mesmo discurso um conjunto diferenciado de práticas e movimentos ao longo da vida do próprio sítio arqueológico. É um pensar na ambiguidade do discurso: a arquitectura não é percebida enquanto um objecto mas o seu

estudo em Arqueologia faz-se irremediavelmente pelos objectos.

Diferentes tempos são convocados, mesmo pelas próprias características das materialidades, fragmentos cerâmicos, ossos de animais, paredes em pedra e argila. Há um contínuo processo de construção, de fazer e perceber espaços, do que poderíamos chamar um processo contínuo de habitar⁴. Segundo McFadyen (2008: 121), este processo contínuo que caracteriza os sítios arqueológicos não pode ser entendido enquanto um palimpsesto, pois esta explicação pressupõe que os traços de diversas actividades vão sendo apagados à medida que outras são desenvolvidas no mesmo local. Na maioria dos casos estamos perante um complexo conjunto de práticas que se misturam no tempo (não têm obrigatoriamente que ser sequenciais) e se (con)fundem. Tal

4 O conceito de habitar e a condição humana de habitar têm sido tratados pela Filosofia, especialmente por Heidegger e Ortega y Gasset. Tim Ingold, antropólogo, abraçou a proposta heideggeriana e tem sido frequentemente citado em Arqueologia. No entanto, convém aqui lembrar o que estes autores entendem por “habitar”. Heidegger, no seu texto proferido em 1951, no “Colóquio de Darmstadt”, defendeu que o homem constrói porque habita. Neste sentido a construção surge como uma das práticas de habitar do homem na Terra. Ingold, no texto “Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world” (2000), segue a linha de Heidegger e propõe que não podemos ver as construções humanas como algo que se impõe a um espaço inerte (a Natureza) sobre o qual o homem trabalha, como um contentor, um receptáculo apenas da acção humana, como uma unidade externa, mas defende que a construção não é um fim, mas sim parte do processo de habitar do homem. Esta perspectiva tem vindo a ser desenvolvida em trabalhos de arqueologia pré-histórica (veja-se nomeadamente Cardoso, 2007 e diversos trabalhos assinados pela equipa que dirige os trabalhos de escavação). Mas convém aqui convocar também Ortega y Gasset: “no mesmo lugar, a poucas horas de distância e sobre o mesmo tema, Heidegger e eu dissemos aproximadamente o contrário. Se detrás desta patente contraposição se esconde, contudo, uma coincidência é coisa que um dia se verá. Mas para já temos que nos ater à discrepância manifesta.” (Ortega y Gasset 2009:119). Ortega y Gasset defende que o habitar não é algo inerente à condição humana, mas algo que no Homem é precedido pelo construir. É pela técnica que aquele consegue habitar. É a criação de utensílios, edifícios, caminhos ou pontes que lhe permite “humanizar” o espaço. “Daí que, no meu entender, nem o homem constrói porque já habita, nem o modo de estar e de ser do homem na Terra é um habitar. Parece-me antes que é totalmente o contrário -o seu ser na Terra é mal-estar e, por esta razão, um radical desejo de bem-estar.” (Ortega y Gasset 2009:129)

como Jorge salienta, “as archaeologists, when we study something we shall be attentive to the multiple relations that made that thing finally “appear” as focus of our study, including our own methodology that made it occur as it is.” (JORGE, V.O., 2007). Poderíamos aqui questionar se alguns dos fragmentos cerâmicos identificados durante o processo de escavação do interior das estruturas em análise não seriam resultado da própria ruína das paredes elaboradas em terra crua, na medida em que esta técnica obriga a que a terra utilizada na construção seja misturada com desengordurantes, como fragmentos cerâmicos. Esta cerâmica apresentar-se-ia mais erodida e seria de pequenas dimensões. No entanto, não foi possível sistematizar/cruzar esta informação através dos dados apresentados pelos autores que estudaram as quatro estruturas em análise. Contudo, todas as unidades registam barro de revestimento com negativos de ramos no seu interior. Estes elementos poderiam ter pertencido às paredes e por alguma razão foram submetidos a temperaturas que possibilitaram a sua cozedura (ou como técnica construtiva, ou como resultado de acções de destruição). Mas, atendendo ao facto que estas estruturas se encontravam colmatadas ao nível da infraestrutura em pedra, teriam os “bastiões” sido condenados já com as suas paredes em ruína? Ou a oclusão do seu espaço interno pressupõe a destruição deliberada dessas mesmas paredes pelas comunidades pré-históricas?

Deixando estas questões/hipóteses interpretativas em suspenso, a oclusão destas estruturas parece remeter efectivamente para uma reestruturação da estrutura, não como abandono, mas como uma outra forma de habitar, de construir, de fazer e refazer aquele espaço. Este(s) momento(s) podem ser entendidos como uma reconstrução da estrutura, em relação com todos os momentos de construção/deposição das mesmas. Não nos parece plausível o estudo da construção e oclusão da estrutura como dois momentos sequenciais, situados no tempo cronológico, como momentos de “nascimento” e “morte” na história biográfica da estrutura (como já tivemos oportunidade de desenvolver). A sua condenação parece sugerir imagens ligadas à renovação e não ao seu abandono. Renovação enquanto estrutura, enquanto palco, convocando outros tempos e es-

paços, pois o fazer e refazer destas estruturas aporta outras histórias, outras memórias, e outra escala. A fragmentação e a reorganização de materiais invocam novas conexões. Como assinala J. Barrett, “Individuals literally rediscovered or reworked the order of their own world through the practices of their own lives” (BARRETT, 1999: 63). É pelo fazer e refazer que estas comunidades trabalhavam identidades colectivas, coesão social, estabeleciam (ou quebravam) regras e normas de vivência comunitária. Seriam práticas que funcionariam como ferramentas mnemónicas das suas histórias, da sua identidade, do seu passado e se projectavam no futuro.

No entanto, ainda não questionámos um ponto fundamental: como se articulam estas estruturas condenadas com o resto do sítio de Castanheiro do Vento? Apenas as estruturas tipo “bastião” do Murete 1 e do Recinto Anexo se encontram colmatadas por níveis pétreos. Que implicação tem este facto nos circuitos possíveis em Castanheiro do Vento? Que “novos” movimentos/caminhos/práticas pressupõe? Terá a construção das unidades da primeira linha de muretes envolvido já a sua colmatação e a destruição das suas paredes? Tal como o vaso não é feito para se quebrar, diversas razões poderão estar na base para o refazer destas unidades. No entanto, em Castanheiro do Vento lidamos apenas com fragmentos - de vasos, de muretes, de “bastiões” - e só um olhar atento a cada unidade poderá criar histórias sobre o sítio a diversas escalas. O trabalho que McFadyen está neste momento a desenvolver para Castelo Velho de Freixo de Numão (integrado no âmbito de um pós-doutoramento) é de grande importância para o desenvolvimento destas questões. A autora pretende estudar o caco enquanto caco, estudando processos de fragmentação e pós-fragmentação e a sua relação com as histórias da arquitectura. Pensamos seguir em Castanheiro do Vento esta linha de pesquisa porque outras questões emergem (a que o estudo tradicional dos fragmentos cerâmicos não consegue dar resposta). É necessário que apareçam, num processo dialógico, novas questões e novas formas de compreender o que registamos, de compreender a nossa própria relação com o sítio.

É comum na bibliografia arqueológica acerca do III milénio a.C. na Península Ibérica pro-

por para unidades construídas semelhantes ou mesmo para objectos semelhantes, explicações similares. Neste sentido, o que é semelhante funciona como indicador de práticas idênticas e ajuda a sustentar uma explicação universal para sítios genericamente semelhantes. O construído é tido como arquitectura e esta encontra-se ligada a uma função específica que lhe é inerente, como se a função fosse uma qualidade intrínseca do objecto. No entanto, o estudo das quatro estruturas põe em evidência que estruturas semelhantes num mesmo sítio arqueológico parecem invocar práticas diversas. Não queremos com isto generalizar para outros sítios uma teoria ou observação mas tão só acentuar a importância do estudo das particularidades de cada sítio, de cada estrutura, no seu detalhe, nas suas relações. O estudo de S. O. Jorge realizado em 1994, apesar de se basear em premissas diferentes daquelas em que nos posicionamos (e daquelas em que a própria autora se posiciona nos artigos acerca de Castelo Velho de Freixo de Numão a partir sobretudo de 1998), procurou exactamente as especificidades de cada sítio interpretado como “povoado fortificado” na Península Ibérica. Seria urgente a continuação deste estudo, que não é um fim, mas o princípio de novas linhas de pesquisa e de novas formas de abordar os sítios arqueológicos. Ainda que o nosso estudo aqui se encontre à escala do sítio e o de S. O. Jorge à escala Peninsular, pensamos que o estudo do detalhe pode aportar novas questões. Na verdade, a grande narrativa começa já a ser questionada [ver J. A. Ferreira (no prelo) para o caso do Neolítico].

Neste pequeno texto, optámos pela descrição das estruturas em estudo como ferramenta essencial para pensar acerca das questões propostas. A descrição está geralmente associada à visão, à ilustração de algo, à legenda de uma imagem, de um mapa, de um desenho, conectada com o registo de memórias [ver a título de exemplo J. Kittay (1981) e P. Hamon & P. Baudoin (1981)] A descrição aqui pretendeu dar visibilidade a uma série de características, tornar visíveis um conjunto de detalhes, seguindo a proposta lançada por V. O. Jorge, quando o autor refere “Temos de construir uma ciência das pequenas coisas, das pequenas observações, da minúcia dos detalhes, não tabelando-os logo de “indícios de”, mas consi-

derando-os “per se”, pacientemente. Abrindo o mais possível o feixe de relações possíveis entre um detalhe e outro.” (JORGE, V.O. e tal, 2006-2007:243) Estes detalhes, obviamente, foram de certa forma seleccionados, hierarquizados. Certas características foram enfatizadas a fim de convocar para este texto outras relações e conexões. Pretendeu-se também com o texto descritivo pensar acerca da nossa própria actividade enquanto arqueólogos, da própria prática de registo arqueológico, articulando diferentes escalas, diferentes momentos de registo (a escavação, o tratamento de materiais, os diversos textos e autores), articulando diferentes materiais, articulando as inúmeras descontinuidades que pelo texto se convocam e se apresentam num tempo contínuo mas, e aqui reside o paradoxo, atemporal.

AGRADECIMENTOS

Este estudo insere-se num trabalho de doutoramento, financiado pela FCT. Gostaríamos de agradecer a Lesley McFadyen, André Tomás Santos, Joana Alves Ferreira e Sérgio Gomes por todos os comentários a este texto. Também expressamos o nosso obrigado ao nosso orientador Vítor Oliveira Jorge e a todos os membros da equipa de Castanheiro do Vento pelas importantes discussões ocorridas principalmente durante os trabalhos de campo.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, R. (2003): *A estrutura C de Castanheiro do Vento, Análise dos materiais cerâmicos e líticos*. Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

BARRETT, J. (1999) “The Mythical Landscapes of British Iron Age”. W. Ashmore & A. B. Knapp (ed.) *Archaeologies of Landscape*. Blackwell Publishers, pp. 253-265.

BENJAMIN, W (2004): “Desempacotando a minha biblioteca”. *Imagens de Pensamento*, Assírio & Alvim, Lisboa, pp. 207-215.

BORGES, N. (2003): *A estrutura B de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa*. Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

BRÜCK J. (2001): “Body metaphors and technologies of transformation in the English Middle and Late Bronze Age”. J. Bruck (ed.) *Bronze Age Landscapes. Tradition and Transformation*, Oxford, Oxbow Books, pp. 149-160.

CARDOSO, J.M. (2007): *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa -Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

COSTA, C., (2007): *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, edição policopiada.

FERREIRA, J.A., (no prelo): “The Neolithic. The fantasy of the Origins”, *Actas de las Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica - Session “Arqueologías de la Identidad: ¿quiénes eran”*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid.

GARROW, D., BEADSMOORE, E. e KNIGHT, M. (2005): “Pit Clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk”, *Proceedings of the Prehistoric Society*, 71, pp.139-157.

GASPAR, C. (2004): *Um Espaço específico de Castanheiro do Vento, (Vª Nª de Foz-Côa), A Estrutura D - Materiais e Ocupação*. Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

HAMON, P. & BAUDOIN, P. (1981): “Rhetorical Status of the Descriptive”, *Yale French Studies. Towards a Theory of Description*, 61, pp. 1-26.

INGOLD, T. (2000): “Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world”. *The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*, London, New York, Routledge, pp. 172-188.

JORGE, S.O. (2005): *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Porto, Edições Afrontamento.

- JORGE, V.O. (2007): Unframing the past: from an archaeology of “fixed forms”, objects, or abstract materialities, to an archaeology of the “transformations” of materials as “living things” - a brief comment on some Tim Ingold’s ideas. <http://trans-ferir.blogspot.com/2007/04/unframing-past.html> , (consultado a 5 de Novembro de 2009)
- JORGE, V.O. (2009): “Escavações em Foz Côa (Castanheiro do Vento, Horta do Douro; base logística da maior parte da equipa: Freixo de Numão)”, <http://trans-ferir.blogspot.com/2009/08/escavacoes-em-foz-coa-castanheiro-do.html>, (consultado a 20 Novembro 2009).
- JORGE, V.O. with the assistance of CARDOSO, J.M.; VALE, A.M., VELHO, G.L. & PEREIRA, L.S. (2006): “Copper Age “Monumentalized Hills” of Iberia: the Shift from Positivist Ideas to Interpretative Ones. New Perspectives on Old Techniques of Transforming Place and Space as Result of a Research Experience in the NE of Portugal”. JORGE, V.O. (ed.), *Approaching “Prehistoric and Protohistoric Architectures” of Europe from a “ Dwelling Perspective”*, JIA, vol.8, special issue, Porto, ADECAP, 203-264.
- JORGE, V.O. CARDOSO, J.M.; VALE, A.M., VELHO, G.L. & PEREIRA, L.S. (2006-2007): “Problemática suscitada pelas escavações do sítio pré-histórico do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), sobretudo após a campanha de 2005”, *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto, I série, Vol. V-VI, pp. 241-277
- KITTAY, J. (1981): “Descriptive Limits”, *Yale French Studies. Towards a Theory of Description*, 61, pp. 225-243.
- McFADYEN, L. (2008): “Temporary Spaces in the Mesolithic and Neolithic: Understanding Landscapes”. POLLARD, J. (ed), *Prehistoric Britain*, Oxford, Blackwell Publishing, pp. 121-134.
- McFADYEN, L. (em preparação): *Between Material Culture, Architecture and Landscape – Archaeology, Architecture and Scale*. Oxford University Press.
- ORTEGA Y GASSET, J. (2009): *Meditações sobre a Técnica*. Lisboa, Fim de Século.
- POLLARD, J., (2001): “The aesthetics of depositional practice”, *World Archaeology*, 33(2), [Archaeology and aesthetics], pp.315-333
- THOMAS, J. (1999): *Understanding the Neolithic*. London and New York, Routledge.
- VALE, A.M. (2003): *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vª Nª de Foz Côa). Contributos para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalhos (1998-2000)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- VALE, A.M. (2008): Images from Iberian Copper Age: the case of the so-called “fortified settlements”. JORGE, V.O. & THOMAS, J. (eds) *Archaeology And The Politics Of Vision In A Post-Modern Context*, New Castle [Cambridge Scholars Publishing 51], pp.186-208

FIGURAS

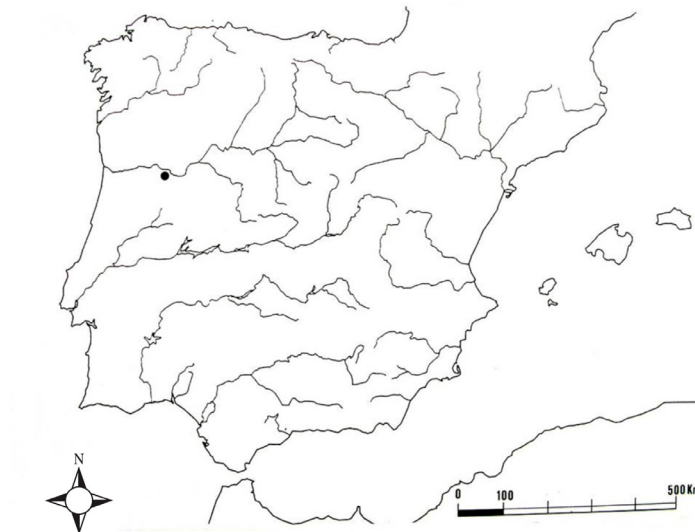


Figura 1: Localização da estação arqueológica de Castanheiro do Vento na Península Ibérica. O sítio encontra-se na freguesia de Horta do Douro, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda. Coordenadas geográficas: 41° 3' 49" Lat. N. ; 7° 19' 18" Long. W. Gr. (seg. a -Carta Militar de Portugal- à esc. 1:25000, folha 140).



Figura 2: Croquis de Castanheiro do Vento após escavações de 2009. Tratamento gráfico da autora e de André Tomás Santos sobre desenhos de Bárbara Carvalho e João Muralha Cardoso. Salienta-se que as escavações arqueológicas tiveram, até ao momento, como objectivo principal a delimitação dos principais alinhamentos pétreos construídos nas cotas mais elevadas do morro, pelo que se privilegiaram os trabalhos de decapagem (remoção dos sedimentos correspondentes a antigos solos agrícolas).



Foto 3: Colina de Castanheiro do Vento vista de noroeste. No entanto, o morro de Castanheiro do Vento adquire diversas formas consoante o ponto de onde se avista. Por exemplo, do vale da Ribeira da Teja (a leste do sítio) a colina aparece de forma destacada e imponente. Olhado do Castelo de Numão (também genericamente a leste do sítio) dilui-se na paisagem, pois é -“absorvido”- pelas elevações de cotas mais elevadas que se localizam para ocidente do sítio.



Foto 4: Pormenor do interior do -“Bastião”- A onde é possível visualizar o segundo momento pétreo de -condenação- da estrutura.



Foto 5: Vista sobre o -“Bastião”- B, onde se identificam as lajes de xisto tipo -estela- em posição vertical atendendo ao seu eixo maior.



Foto 6: Vista sobre o -“Bastião”- C após o desmonte da estrutura pétrea de oclusão. Nesta fotografia é possível identificar-se a pequena estrutura subtriangular associada à estrutura de colmatação.



Foto 7: Fotografia do “Bastião”. D onde é possível identificar-se a estrutura pétrea de condenação apenas -cobrindo- metade da área interior do -bastião- e a estrutura constituída por elementos de dormentes em granito genericamente no centro.



Foto 8: Pormenor da microestrutura constituída por dormentes fragmentados de granito e lajes de xisto, localizada no canto sudeste do interior do “Bastião A”- (Fotografia de João Muralha Cardoso, 1999).



Foto 9: Pormenor da microestrutura constituída por elementos de moinhos manuais de granito localizada sensivelmente no centro do espaço interno do “Bastião D”- (Fotografia de João Muralha Cardoso, 2002).